

SINTONIA (pág. 26)

A sétima arte e humanização da Medicina



Pablo González Blasco*

Dizer que os médicos estão munidos de excelente preparação técnica não é novidade. Como, infelizmente, também não é afirmar que carecem, em sua maioria, de sensibilidade suficiente para lidar com o ser humano doente, que sofre e se confia aos seus cuidados. Fala-se em humanizar a Medicina quando, na verdade, o que se gostaria é de injetar doses de humanidade nos médicos para ver se o paciente consegue, de algum modo, fazer-se entender pelo profissional que está destinado a cuidá-lo. Esse, absorvido pela técnica moderna – útil e necessária – parece esquecer o paciente, ocupando-se apenas da doença.



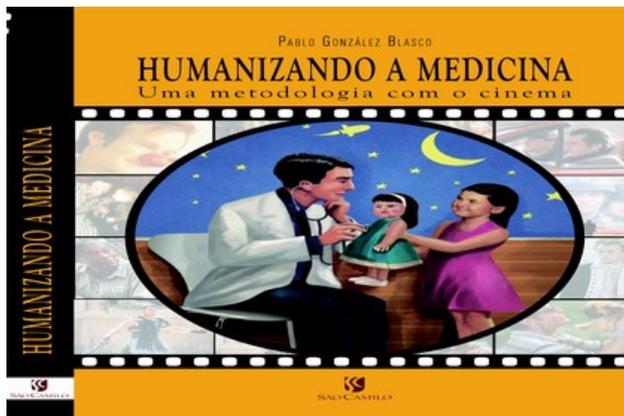
Para um professor de Medicina, como é o meu caso, trazer o médico de volta ao que realmente importa – o paciente – é um desafio diário. Mas o cinema tem-se mostrado um recurso eficaz para promover essa reflexão. Estudantes, médicos e demais profissionais de saúde são convidados, por meio dessa metodologia, a pensar sobre as suas atitudes. De modo, talvez excessivamente simples, pode-se dizer que humanizar é, em primeiro lugar, lembrar ao médico que ele é um ser humano e que o paciente também o é. Algo evidente, embora esquecido com muita frequência. A reflexão traz isso à tona, com vigor. Se o cinema nos ajuda a pensar e a refletir sobre as coisas essenciais da vida, converte-se em recurso educacional de valor para formar pessoas e, naturalmente, para melhorar a formação dos médicos.

O universo da afetividade – sentimentos, emoções e paixões – vem assumindo um crescente papel de protagonista no mundo da educação. As emoções do aluno não podem ser ignoradas nesse processo. E o cinema mostra-se particularmente útil na educação afetiva por sintonizar com o universo do estudante, no qual impera uma cultura da emoção e da imagem. A educação por meio de filmes arranca desejos profundos do jovem, motiva-o para grandes sonhos, para novos desafios.



Lembro-me de uma ocasião, em um congresso de universitários, quando projetávamos a cena da batalha em *O Último Samurai*. Aqueles homens medievais, valentes, enfrentam as modernas metralhadoras, com a coragem e a espada. A atitude de servir e chegar até o fim, que parece ser a motivação dos samurais, arranca do inimigo o reconhecimento, a veneração e até a vitória moral. Quando acabou a conferência e os comentários das cenas, antes de sair, um aluno veio até a frente, me segurou pelo braço e me disse com os olhos brilhando: “Professor, eu quero ser um samurai!”. O cinema é também um modo de entender, de exprimir aquilo que a racionalidade levaria muito tempo para explicitar, e acabaria resultando até enfadonho.

Vale esclarecer que a educação através da estética, que atinge as emoções e a sensibilidade, não é uma tentativa de apoiar a educação do jovem na emotividade. Trata-se de suscitar uma reflexão sobre os valores e atitudes. É possível incorporar um conhecimento técnico ou mesmo treinar uma habilidade sem refletir sobre eles; mas é impossível adquirir valores, progredir em virtudes, incorporar atitudes, sem um prévio processo de reflexão. Esse processo requer tato, habilidade, evitar precipitações, promovendo um aprendizado que respeite, de alguma maneira, o ritmo quase fisiológico da emotividade. Não se pode obrigar a ninguém a sentir o que não sente. Pode-se simplesmente mostrar, e o tempo e a reflexão sobre as emoções se encarregarão de aprimorar o paladar afetivo.



Esse poder de estimular a reflexão torna-se evidente no clássico *O Rei Leão*. Simba está na boa vida e não quer assumir que cresceu. O macaco lhe interroga e pergunta: “quem é você?”. Essa pergunta vira do avesso o confortável *Hakuna Matata* em que Simba vivia, para trazê-lo à realidade. A seguir, o macaco lhe mostra o caminho para encontrar o seu pai. Simba tem dificuldade porque não está acostumado a refletir e, no início, apenas vê a própria imagem refletida na água. “Olhe com mais atenção, pense, reflita”. E chega o grande susto: “Simba, você me esqueceu. Sim, você me esqueceu, porque esqueceu quem você é. Você não é um gatinho, mas o meu filho, o verdadeiro Rei Leão”. O que de melhor se pode fazer é promover a reflexão, para que o jovem vá se construindo. Algo muito próximo ao que o macaco Rafiki faz com Simba. Não são as respostas que devem vir prontas, fabricadas, mas sim as perguntas, a modo de provocações, que o professor deve, contínua e serenamente, dirigir ao seu interlocutor. A ficha tem de cair por si. E por utilizar uma linguagem moderna, o cinema é uma oportunidade excelente.

“Faça por merecer”



"É impossível adquirir valores, progredir em virtudes, incorporar atitudes, sem prévio processo de reflexão"

Algumas cenas de filmes são verdadeiros questionadores. Lembremos de *O Resgate do Soldado Ryan*. Tom Hanks, o capitão, está morrendo. O soldado Ryan inclina-se sobre ele. E o capitão apenas lhe diz: "James, faça por merecer". Depois de 40 anos, James Ryan vai ao cemitério, acompanhado da sua mulher, filhos e netos, para prestar contas: "Todos os dias penso no que você me disse aquele dia na ponte. Procurei viver a minha vida do melhor modo possível. Espero que, pelo menos diante dos seus olhos, eu tenha feito por merecer aquilo que todos vocês fizeram por mim". Não satisfeito, procura a avaliação doméstica da sua vida, se prestou, se foi útil, e convoca sua mulher e lhe diz: "diga que sou um homem bom, que tive uma vida digna". O capitão – que era, na vida civil, um professor, educou James Ryan com essa simples frase – "faz por merecer" – e com seu exemplo de vida. Para qualquer um que medite nesse contexto, basta lembrar-lhe que faça por merecer, para que tudo venha à tona na cabeça e no coração.

Mas tudo isto não será muito perigoso? Não levantará problemas com os quais não saberemos lidar depois? Lembro-me de um fato ocorrido em um congresso internacional em Florença, Itália, há mais de 10 anos, durante um *workshop* no qual apresentamos a metodologia reflexiva que o cinema oferece ao educador. Curiosamente, a plateia – mais de 100 pessoas – estava composta integralmente por não latinos: finlandeses, ingleses, alemães, dinamarqueses, noruegueses, belgas, holandeses. Diante desse público, novidade para mim, tive um momento de hesitação. Funcionaria com eles como tinha funcionado no Brasil e em ambientes latinos? Projetar trechos de filmes, fazer comentários simultâneos? Uma audiência na qual, possivelmente, a manifestação dos sentimentos teria uma expressão diferente? A sessão correu bem, em silêncio profundo, e deixavam-se ouvir – mesmo sem a estrondosa componente latina – alguns suspiros emocionados. No final, um professor britânico pediu a palavra:

– Isso que vocês fazem é muito perigoso. Despertar emoções nos jovens pode trazer à tona graves problemas que estão lá enrustidos.

Enquanto me preparava para responder, com a maior delicadeza possível, um finlandês levantou a mão e respondeu:

– Meu caro amigo, os problemas estão lá e virão à tona, conosco, sem nós ou apesar de nós. Isso funcionará perfeitamente no meu país e na minha universidade.

Um outro espectador, professor da Noruega, comentou de modo contundente:

– Penso que somente pode ter medo de fazer algo assim quem tem medo das próprias emoções.

Não houve necessidade de nenhum esclarecimento da nossa parte. E, confortavelmente, a sessão prolongou-se por mais meia hora, entre comentários e sugestões.

Vivemos tempos em que humanismo e humanização são temas habituais de conversas, sobretudo na área da assistência à saúde. Cabe aos educadores e pesquisadores o compromisso de fazer do humanismo médico um caminho real, concreto e prático, que possa ser percorrido pelo estudante de Medicina na construção da sua vocação profissional, uma condição *sine qua non* da razão de ser médico. Professores, estudantes, líderes empresariais, educadores, familiares, agentes sociais, recursos humanos e todos os que têm a gestão de pessoas como objetivo profissional encontrarão no cinema uma metodologia simples, acessível e divertida para aperfeiçoar seu desempenho. Onde há pessoas querendo melhorar e alguém querendo educar, o cinema tem vez.

*Médico e diretor científico da Sobramfa – Educação Médica e Humanismo (www.sobramfa.com.br) e autor dos livros: *Humanizando a Medicina, uma metodologia com o cinema*, *Lições de liderança no cinema* e *Educação da afetividade através do cinema*.